



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO DA CUNHA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LARISSA DA SILVA SHERMAN

MODA, IDENTIDADE E AUTOCUIDADO: Construções Emancipatórias

**JOÃO PESSOA
2022**

LARISSA DA SILVA SHERMAN

MODA, IDENTIDADE E AUTOUIDADO: Construções Emancipatórias

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann.

JOÃO PESSOA
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S553m Sherman, Larissa da Silva.
Moda, identidade e autocuidado [manuscrito] : construções emancipatórias / Larissa da Silva Sherman. - 2022.
47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Emancipação da juventude. 2. Identidade. 3. Estética. 4.
Moda manifesto. 5. Juventude. I. Título

21. ed. CDD 155.95

LARISSA DA SILVA SHERMAN

MODA, IDENTIDADE E AUTOCUIDADO: construções emancipatórias

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 16/12/2022.

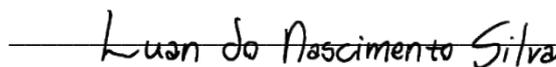
BANCA EXAMINADORA



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Caio Csermak
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Luan do Nascimento Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio

A princípio dedico a minha vida e esse projeto a Jesus Cristo, por ter me dado discernimento nessa trajetória, abrindo caminhos e mostrando pessoas de bom coração, me fazendo ver além dos muros da universidade.

À minha doce mãe, Maria de Lourdes da Silva, por estar sempre comigo nas piores horas da graduação, e nas boas também, por ter me amparado e por aquecer o meu coração com cuidados e afagos, e ao meu Pai Natalino da S. Sherman, por ter um coração enorme e mesmo longe está sempre presente na minha vida.

Ao senhor Paulo Kuhlmann, vulgo meu Orientador, obrigada por acreditar nessa loucura de Moda nas RI, me dando ânimo com os estudos de Arte e Estética na construção de dias melhores. Agradeço por ter esbarrado contigo no meio de uma Pandemia, e por todo carinho e cuidado nesse tempo, pela família PUA - Projeto Universidade em Ação e por tudo que você é.

À Escola EMEIEF João Monteiro da Franca - João Pessoa -PB e aos Palhaços Sem Fronteiras - Brasil, em especial a Diretora Pedagógica Sandra, ao Palhaço Mancada Obom, Palhaço Bambam e a Palhaça Sussa. Também aos meus amores e discentes do EMEIEF do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano por me acolherem nas suas vidas e por fazerem tão presentes em todos os encontros, compartilhando histórias, vivências e afetos.

Aos meus professores e amigos; aos queridos docentes que me fizeram pensar além das metodologias eurocêntricas; Paulo Kuhlmann, Esteban Ramos, Matheus Guimarães, Caio Csermak, Ana Paula Maielo, Fabio Nobre, Giuliana Dias e a Silvia Nogueira por sempre serem resistência no pensar as Ciências Humanas.

Aos meus amados amigos: Mariana Teixeira, Italo Estevão, Sara Nunes, Suerda Gabriela, Luis Eduardo, aos Amigos do Projeto PUA, aos amigos do FARPAS - Festival de Artes e Participação Social, à Casa da Baixa Costura (em especial à Dorot Ruanne e à Arlinda Trindade) e ao Emílio Domingos por toda a inspiração e a amizade.

Aos amigos do cotidiano da UEPB, à Tia Eva, pelo seu carinho e doçura de mãe e por não deixar nenhum aluno morrer de fome no campus V, aos Bibliotecários pelas inúmeras horas de conversas sobre política, às meninas e meninos da limpeza e da guarda, ao amigos do núcleo de línguas, em especial à Professora Thais, por ser tão positiva e tranquilizadora, e ao café sem açúcar.

Quero dedicar com enorme carinho aos meus discentes (amigos) do EMEIEF - João Monteiro da Franca, amo cada um de vocês e obrigada por tanto!

“[...] Que não seja preciso mais do que uma simples alegria pra me fazer aquietar o espírito [...] Que a arte nos aponte uma resposta mesmo que ela não saiba e que ninguém a tente complicar porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer [...]” –
Metade - Oswaldo Montenegro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A pequena Larissa	13
Figura 2 –	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” I	26
Figura 3 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” II	29
Figura 4 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” III	29
Figura 5 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” IV	30
Figura 6 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” V	31
Figura 7 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” VI	32
Figura 8 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” VII	33
Figura 9 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” VIII	34
Figura 10 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” IX	35
Figura 11 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” X	36
Figura 12 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” XI	36
Figura 13 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” XII	36
Figura 14 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” XIII	37
Figura 15 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” IVX	39
Figura 16 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” XV	39
Figura 17 -	Oficina “Moda, Identidade e autocuidado” XVI	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Estrutura da oficina “Moda, Identidade e Autocuidado”	16
Quadro 2 –	Cronograma de Atividades	25
Quadro 3 -	O like diário	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	UM PRESENTE PARA A LARISSA CRIANÇA, E PARA TODAS AS OUTRAS	13
3	A OFICINA	14
3.1	Origem e construção	18
3.2	A identificação pelo reflexo	18
3.3	Signos do imaginário	19
3.4	Concepção do indivíduo	19
3.5	Moda e o indivíduo político	19
3.6	A moda acessível e social	20
2.7	Narrativa política na moda	20
2.8	Desfile Manifesto	21
4	DISCUSSÃO TEÓRICA	22
5	IMPRESSÕES DA OFICINA “MODA, IDENTIDADE E AUTOCUIDADO” NA ESCOLA EMEIEF	24
6	O RECONHECIMENTO	25
7	A CONSTRUÇÃO	27
7.1	Relatos e caminhos	27
8	O DESFILE POLÍTICO	37
9	RESULTADOS	41
10	CONCLUSÕES	42

MODA, IDENTIDADE E AUTOCUIDADO: Construções Emancipatórias

Larissa da Silva Sherman¹

RESUMO

Este projeto busca apresentar a moda, inicialmente, como uma forma de diferenciação, separação e opressão, fruto da modernidade e da colonialidade. Posteriormente, apresenta a moda como possibilidade de construção social dos indivíduos e da lógica de construção da estética do oprimido como forma de resistência, identidade e emancipação da juventude. Apresentará uma análise teórica da moda nessas duas formas, distinção e identificação, para então descrever atividades de pesquisa-ação realizadas a partir de um minicurso na escola EMEIEF - João Monteiro da Franca, localizada na Cidade de João Pessoa -PB e uma entrevista com as participantes, bem como as observações das interações realizadas.

Palavras- Chave: Emancipação; Identidade; Estética; Moda manifesto; Juventude.

RESUMEN

Este proyecto pretende presentar la moda, inicialmente, como una forma de diferenciación, separación y opresión, fruto de la modernidad y la colonialidad. Posteriormente, presenta la moda como posibilidad de construcción social de los individuos y la lógica de construcción de la estética de los oprimidos como forma de resistencia, identidad y emancipación de la juventud. Se presentará un análisis teórico de la moda en estas dos formas, distinción e identificación, y entonces describir las actividades de investigación-acción llevadas a cabo a partir de un minicurso en la escuela EMEIEF - João Monteiro da Franca, situada en la ciudad de João Pessoa -PB y una entrevista con los participantes, así como observaciones de las interacciones llevadas a cabo.

Palabras claves: Emancipación; Identidad; Estética; Manifiesto de moda; Juventud.

¹ Graduada em Marketing, Especialista em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Email: pesquisaacademicalari@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A busca da moda no campo identitário, nesse projeto em si, é para compreender a estética da moda dos adolescentes na periferia na Cidade de João Pessoa - PB a partir de uma imersão etnográfica na Escola EMEIEF João Monteiro da Franca, localizada em um bairro afastado do centro, tendo o contato com adolescentes do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental do município.

Para entender um pouco mais a estética criada nesse meio, em seus rituais, contextos sensíveis e meios ancestrais de se comunicarem através da moda, foi elaborada uma oficina chamada “Moda, Identidade e Autocuidado” para trazer dinamização ao estudo de campo, mapear a pesquisa e construir um lugar acolhedor para com esses jovens.

A dimensão estética a partir do olhar do outro em uma pesquisa etnográfica propõe mergulhar em no outro levando a pensar o que é realmente importante para a construção da identidade de adolescentes do século XXI entre seus 12 a 15 anos de idade em média. É a partir daí que Boal (2005) intensifica os seus esforços na construção de uma arte que evidencie a necessidade de superação, defendendo a arte como um direito de todos:

O pensamento estético, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la. (BOAL, 2009, p. 16).

A vivência foi descrita a partir da ferramenta de diário de bordo, que consiste em relatar diariamente sensações, discursos e questionamentos sem a utilização de filtros de conduta, sendo um relato direto com o espectador. Com o levantamento de informações para suprir o enredo teórico utilizando uma bibliografia que mescla a literatura das Relações Internacionais, com os Estudos para a Paz - utilizando a arte como condutor apaziguador de conflitos - e a literatura da sociologia da moda, nomes como Boal, Freire, Foucault, Mignolo, Godart e Lipovetsky foram fundamentais para a construção teórica, tanto do trabalho escrito como lição para as prática em campo.

A oficina Moda, Identidade e Autocuidado foi realizada em parceria com os Palhaços Sem Fronteiras Brasil, entre os meses de setembro, outubro e sendo finalizado no dia 07 de novembro de 2022, junto de outras diversas oficinas que estavam sendo realizadas concomitantemente. Abordando a arte como meio condutor na construção de ferramentas

emancipatórias individuais, há a intervenção no contexto social, proporcionando a transformação, a partir da integração da Moda nesse processo. Essa nova orientação estética traz à tona, em um formato lúdico e construtivo, questões relacionadas a processos de construção de si, da aceitação do corpo, da sua sexualidade e da moda identitária, , desconstruindo, assim, a moda como uma estrutura opressora que utiliza do ser oprimido como fantoche do consumo de padrões estéticos irreais.

A aplicação da oficina com essa abordagem se deu a partir das minhas vivências na infância e adolescência, momento no qual sofri *bullying* por ser considerada comilona e ser chamada de rolha de poço pelos meus próprios pais, começando, assim, os problemas com a minha auto imagem, me sentindo incapaz de ser aceita em grupos de amigos. Esse ponto é fundamental para ser questionado pois, segundo Foucault (1999), começamos a criar a nosso reflexo a partir do convívio em família e o meu não foi um bom começo. Indo para a adolescência, convivi com alguns distúrbios alimentares, uma severa autocrítica com o meu corpo e um comportamento estranho com a comida.

O projeto da oficina veio como resgate da “Larissa criança/adolescente”, que aprendeu a lidar com algumas adversidades através da busca do autoconhecimento e pôde se identificar através de longos diálogos consigo mesma e, assim, ir ao encontro de maneiras de se amar um pouco mais, em livros, na moda, na arte e em todas as áreas que agregam esse novo olhar para dentro. Dessa forma, foram construídas as temáticas dos encontros e a criação da oficina, com ferramentas da Consultoria de Moda, Marketing Pessoal, Customização e a Arte na Moda Pude ter contato com essas ferramentas ao longo do meu desenvolvimento acadêmico, e gostaria de dar mais funções a eles: funcionalidade social e acessibilidade dando a outros jovens a possibilidade de se enxergarem com mais amor e cautela, o que eu nunca tive.

Sempre busco trazer a Moda como possibilidade de identificação pessoal e de grupo, superando a marginalização, inserindo-a como ferramenta para apaziguar conflitos individuais e sociais, construindo a paz, desconstruindo padronizações introduzidos pelo mercado, no geral, identificados com padrões europeus, brancos, cisgêneros, dentre outros recortes discriminadores. Fazendo com que os encontros fossem bem produtivos, utilizou-se a base do afeto e da autodescoberta para construir um lugar seguro, a fim de modificar a situação para algo mais construtivo e amigável para todos os participantes. E desta forma seguimos para o início da oficina “moda identidade e autocuidado”, que possuiu 8 encontros e em torno de 4 horas cada aula.

O objetivo geral era desconstruir a aversão que tantos adolescentes possuem em uma “moda” que surge como um instrumento de diferenciação de pessoas e de grupos sociais,

classificando grupos de pessoas ou indivíduos, estabelecendo comportamentos, criando lógicas efêmeras, fantasias estéticas (Lipovetsky, 2009), que ditam comportamentos a partir de uma “alta costura” que é copiada para ser consumida pelas massas, que acabam sendo cooptadas por uma lógica de uso e descarte de roupas, sem que exista uma identificação pessoal e nem mesmo uma preocupação com o meio ambiente.

A abordagem padrão da moda, que faz com que as pessoas se adequem às roupas, e não o inverso, causa traumas, cria problemas psicológicos e distúrbios alimentares. Alguns corpos são classificados como “bons” por serem cabides perfeitos de roupas feitas por pessoas extremamente magras, ao passo que outros corpos são considerados “ruins”, por não se adequarem a determinados padrões, geralmente padrões de modelos brancas europeias extremamente magras.

É nesse contexto, das relações moda - sociedade - indivíduo, que começamos uma reflexão sobre a adequação da moda e como a sua influência modifica áreas psicológicas, culturais e comportamentais em si e no seu coletivo, ao ponto de danificar os modos de agir do adolescente e o seu ambiente de convívio, por um simples impulso de se encaixar em padrões a fim de se adaptar e de se socializar.

Mas é nessa Oficina, que busca da moda com o cunho social da autoaceitação, abordando práticas e modos de reconhecimento estético, intelectual e cultural em sua multiplicidade de assuntos relacionados - como a relação social existente por meio da identidade, pertencimento, imitação/diferenciação e comunicação - e como isso tudo só existe por que crianças e adolescentes não se enxergam nos padrões de uma moda que não lhe cabem - e por isso dão um novo sentido.

2. UM PRESENTE PARA A LARISSA CRIANÇA E PARA TODAS AS OUTRAS

Olá, me chamo Larissa, mas gostaria muito de ser reconhecida como "Maria", "João" ou tantos outros nomes. Falar de mim é um tanto dolorido e, por muitas vezes constrangedor.

A minha infância, especialmente por volta do ano de 1999, foi bastante turbulenta. Tenho a forte lembrança dos meus pais esgotados e tristes, sem ânimo nem para eles, imagina para mim. Ouvi muito que “não precisa ter amigos”, que “amigo é só seu pai e sua mãe” e eu me senti muito sozinha nesse tempo. Fico imaginando que se eu tivesse tido algum amigo, eu talvez não tivesse passado pelo que eu passei: violências sobre o meu corpo e sobre a minha sexualidade.



Quando vejo fotos minhas dessa época, tenho vontade de pegar essa criança no colo e proteger de tudo que ela iria passar e, principalmente, incentivá-la a fazer amigos e ser ela mesma, sem medo de expor quem é e possibilitando-a sonhar quem ela sonhava em ser.

Minha adolescência chegou, e foi mais é mais uma lembrança ruim. De manipulações parentais a namoradinhos deploráveis e perversos, que reforçaram o discurso que ouvia na infância de que eu não precisava ter amigos. Além disso, essas novas figuras não se importavam com o que eu queria ser mas impunham o que queriam que eu fosse. Isso, mais uma vez, se reverberou em mim na forma de mais insegurança com o meu corpo e a respeito da minha sexualidade.

A infância e, principalmente, a adolescência são, muitas vezes, fases difíceis e carregadas de memórias nem sempre boas. Pensando em como atuar para que essas fases sejam menos difíceis para outras pessoas, uso a minha história como uma fontes de impulsionamento de uma plataforma criada para ser um ambiente seguro e que contribua para o desenvolvimento da autoestima e do reconhecimento de suas potencialidades.

3. A OFICINA

A oficina "Moda, Identidade e Autocuidado", nasceu em um contexto de reflexão pessoal sobre o que seria a moda e, como desdobramento dessas reflexões, como a moda pode fazer parte do processo de descoberta de si mesmo e, nesse sentido, como é vista e reverbera na vida de adolescentes e em seus grupos de convívio.

A oficina partiu do pressuposto de que a moda tem impactos sobre o processo de autoconhecimento de adolescentes e questionou, de partida, qual a natureza desse impacto, em termos positivos e negativos. Em outras palavras, como a moda pode ajudar e como pode, ao mesmo tempo, atrapalhar na construção da identidade dessas pessoas.

A oficina traz esses questionamentos em seu enredo didático, com releituras de vivências minhas no mercado da moda, no marketing social e da área da consultoria de moda trazendo ferramentas dinâmicas de construção de conhecimento a respeito da estética. Para refletir como percebemos a nossa autoimagem, compilei métodos didáticos da consultoria de imagem para conseguir auxiliar nos encontros da oficina, fazendo com que os adolescentes pudessem se encontrarem através das dinâmicas propostas no decorrer da oficina.

O estudo será feito através de metodologia qualitativa, juntamente com um estudo etnográfico, vivenciado na Escola Municipal João Monteiro da Franca, na Cidade de João Pessoa - PB, a partir dos relatos experienciado em 8 encontros, nas quartas e sextas-feiras, das 14h às 16h dos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 2022, pude relatar as experiências em um diário de campo, e todas as falas, depoimentos e imagens que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho. Ressalto, que todas as imagens e relatos que estão distribuídas nessa pesquisa foram autorizadas pelos os responsáveis das crianças e adolescentes que participaram desse projeto.

Por motivos de possíveis censuras diante do público, a Oficina que tinha o nome original de "Moda, Identidade e Política" retirou o nome "Política" para "Autocuidado", tendo o intuito de não ser associado ao contexto político do Brasil. Isso se deu também para preservação dos Adolescentes e da Instituição que permitiu a aplicação da Oficina, cedendo também a estrutura e disponibilizando materiais.

A oficina acredita na transformação da moda na sociedade atual, em seu papel social e na consciência educacional. Por isso, o trabalho será uma pesquisa-ação, método muito utilizado nos Estudos para a paz, dentro das Relações Internacionais.

Assim, a oficina é orientada em termos teóricos nas questões de reconhecimento identitário de jovens, com foco nas escolas públicas nas periferias de João Pessoa, como a moda pode se manifestar como ferramenta de afirmação na sociedade, auxiliando-os a desenvolver métodos para se orgulhar de seus processos criativos e identitários. O simbolismo estético entre os jovens da periferia, debruçada na sociologia do gosto defendido por Bourdieu (1984), completa a ideia através da construção do gostar, identificados no meio familiar e na escola, sendo responsáveis por esse duplo desenvolvimento: do estético e do gostar.

Desta forma, descrevemos a dinâmica das diferenças sociais que não se delimitam a partir do conflito simbólico diante da imposição representativa, mas na produção de novos gostos socialmente diferenciadores e no abandono progressivo das práticas culturais quando estas são apropriadas pelas camadas inferiores. Assim, os símbolos da moda transmitem mais do que a roupa em questão, exibindo-se como um modelo referencial de uma classe social,

modelo de valores que se oferecem à identificação como um modelo ideal de estilo de vida, e assim constroem o seu reconhecimento nos meios sociais. A oficina será dividida da seguinte:

Quadro 1 – Estrutura da oficina de moda, identidade e autocuidado

Encontro	Atividade	Ferramenta
<p>1. Cultura e identidade na moda política: Contextualização do papel da Moda manifestado através da fala do outro</p>	<p>Ouvir o outro para reconhecer sua própria identidade, a construção a partir do ouvir.</p>	<p>Roda de conversa</p>
<p>2. Recriar a identidade</p> <p>Enfoque: Origens, conceitos e como entendemos o que somos em sociedade;</p>	<p>Atividade lúdica de acolhimento: utilizando o espelho (recrie o seu reflexo, o que você é, e o que você gostaria de mudar) <i>Desenhe, escreva um poema, uma música sobre você.</i></p>	<p>Espelho, Papel A4, Lápis Grafite e de Cor.</p>
<p>3 A procura do “eu” identidade e o meu papel social;</p>	<p>Atividade 1: Colagem, a construção do painel semântico</p> <p>Atividade 2: Apresentação para os colegas, motivos da representatividade dos símbolos escolhidos.</p>	<p>Revistas, Jornais, Papel A4, Cola branca.</p>
<p>4. A construção do eu criativo - Moda ferramenta</p> <p>Enfoque: Quem sou “eu”, como me vejo e como gostaria de ser visto?</p> <p>Papel A4, lápis de pintar, tinta, giz de cera, revistas, tesouras.</p>	<p>Construção do meu primeiro protótipo do “eu” com bonecos de papéis.</p>	<p>(molde de bonecos impressos, e suas roupinhas) e para customizar.</p>

<p>5. Empreendedorismo como meio de emancipação: Moda Circular</p> <p>Discurso: O papel da moda na sociedade contemporânea, uma análise dos movimentos sociais que a moda trouxe para o discurso atual.</p>	<p>Atividade: Aprenda a se vestir bem e barato, com peças que você já tem em casa, customizando-as.</p>	<p>Aprenda a criar um Brechó online do zero; através da consultoria de imagem, construindo possibilidades para a venda de peças customizadas e de roupas de segunda mão.</p>
<p>6. Ferramenta de manifestação sustentável; como a moda pode ser simples e acessível!</p>	<p>Aprenda a se vestir bem e barato, com peças que você já tem em casa, às customizando. (técnicas de customização de roupas e acessórios, para proporcionar um aprimoramento no seu guarda-roupas)</p>	<p>Roupas usadas: Tesoura, Tinta de tecido, Pincel, Miçangas, Alfinetes, Linha e Agulhas.</p>
<p>7. O Levante do “EU” manifeste-se</p>	<p>Construa sua bandeira/cartaz, com a sua narrativa social, utilizando as ferramentas anteriores para a discussão.</p>	<p>Papelão, Tinta, Lápis de Cor, Revistas, Tecido</p>
<p>8. O desfile e o discurso da moda como manifesto. (Desfile Teatral)</p> <p>Utilizando referências de grandes nomes da Moda manifesto, que utilizam suas roupas como ferramenta política: Vivienne Westwood, Zuzu Angel (no seu último desfile).</p>	<p>Utilização do teatro para a construção de um desfile, mostrando todas as peças feitas no processo de reconhecimento do “Eu” moda e identidade.</p>	<p>Todos os produtos elaborados na oficina.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A oficina foi organizada em oito encontros. Neles encontramos objetos artísticos que vão do lúdico ao senso crítico em sua construção a partir da dinâmica durante a sua aplicação. Por meio disso, analisamos a didática aplicada, se ela foi bem desenvolvida ou se pode ser melhorada em outras aplicações.

O objetivo é identificar, recriar e construir pessoas livres e plurais para serem o seu máximo, ressignificando seus signos e significados através da moda. Moda essa que pode emancipar, retratando costumes individuais e de grupos durante a história pessoal e coletiva. A busca pela identidade e emancipação ocorre a cada encontro; o projeto costura-se no falar e

ouvir, no criar e no campo das ideias sobre a estética, moda e identidade.

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2002), defende uma pedagogia que atinja a todos, assim eles possam se emancipar, por meio de uma luta que os liberte de qualquer opressão e sem que os deixem imobilizados. Só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2002, p. 30).

A seguir, será explicado o que ocorreu, encontro a encontro:

3.1. Origem e construção

O primeiro encontro deu a oportunidade para os jovens relatarem suas vivências com a moda e ouvir outros pontos de vista, construindo dialéticas a respeito da estética.

Utilizando inicialmente a ferramenta de círculo de diálogo que traz questionamentos a respeito da utilização da vestimenta no dia a dia dos adolescentes, de como a moda incentiva suas opções ou se ela reprime suas escolhas na hora de se vestir, e se por falta de segurança com seu próprio corpo.

Perguntas como: Você se sente bem ao se vestir? Já deixou de usar uma roupa, por insegurança ou até mesmo medo? Gostaria de se sentir mais segura ao se vestir? Qual momento (quais momentos) da sua vida você se sentiu mais confortável ao se vestir? Foram utilizadas.

3.2. A identificação pelo reflexo

No segundo encontro utilizamos o espelho como meio de criação de projeções: os participantes, possuindo papel, lápis de colorir e tinta, criaram seu autorretrato, retratando como se enxergam. Assim, daremos início às reproduções de identidades. Essa atividade foi formulada a partir da teoria do espelho de Lacan (1964), que se utiliza da psicanálise. Segundo ele, “o estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica”, em trabalho publicado em 1949. Essa atividade mescla o imaginário com a semiótica de Peirce (1877) na construção estética, com o tema da imagem do corpo, fenômenos corporais, e a subjetividade que temos sobre nós mesmos e o olhar para o outro.

A construção da auto imagem que o sujeito tem de si não é construída rapidamente sendo lapidada na primeira infância a partir do convívio com os outros, sendo importante essa interação entre as crianças e as suas fantasias da infância e seu relacionamento com seus pais e familiares mais próximos. Nesta fase que Lacan (1949) define como o estágio do espelho, a criança se vê ou se imagina refletida pelo olhar dos seus pais. É nessa fase é de cuidados a partir

das palavras que os pais dizem a respeito da personalidade dos seus filhos, e sua imagem.

3.3. Signos do imaginário

O terceiro encontro deu andamento às manifestações sensíveis. Utilizando a arte novamente como ferramenta de expressão, fomos ao encontro do “eu”. Nessa atividade foi construído um painel semântico, que busca conhecer ainda mais o participante de uma forma dinâmica e menos invasiva, pois na construção dos painéis buscamos a identificação das crianças diante da linguagem figurada. Utilizando recortes de revistas, sendo um meio de comunicar o que se gosta por meio da intervenção de imagens na criação de uma linha de identificação. O questionamento inicial foi: “Como vocês se enxergam? Me descreva a partir de imagens” e “Como vocês estão se sentindo?” Assim, identifiquei o que se passa dentro do imaginário de cada um, pelas montagens de figuras.

3.4. Concepção do indivíduo

Os indivíduos são descritos a partir de um contexto de visão vindo da exteriorização: a partir do corpo, roupa, comportamento e linguagem, fazendo com que se construam suas características da autoimagem. Nesse quarto encontro procuro identificar e trazer símbolos que os fizeram ver o quanto eles estão sendo construídos por meio de sua linguagem visual. Essa linguagem evidencia o eixo emancipatório, os enxergando com mais de autocuidado. Essa linguagem também tem impacto na sociedade, criando uma nova forma de entendimento sobre o que seja periferia para si e para os outros, além de promover a própria autoimagem vinda da periferia transgredindo para outros ambientes, vistos como marginalizados.

3.5. Moda e o indivíduo político

O quinto encontro criou uma linha temporal das mudanças individuais dos participantes, de acordo com as modificações das suas vestimentas diante do passar dos anos. Assim, buscou criar referências a respeito da sua moda individual, questionando de onde vem a inspiração para usar aquele tipo de roupa, acessório e ter esse comportamento.

Através disso foram construídos meios para dar um novo direcionamento às peças de roupas antigas, trazendo vestimentas que eles não utilizam ou por que não gostam mais ou por insegurança, utilizando a consultoria de estilo junto com a customização, meios muito utilizados pelo consumo consciente da moda, para ampliar as possibilidades do uso de peças de roupas ou acessórios. fazendo isso, constroem-se inúmeras identidades individuais e indivíduo político,

que possa mudar seu meio social por meio de uma nova linguagem de consumo. Explicando a eles como funciona a indústria da moda e os meios que podemos utilizar para ir contra essa grande indústria, de uma forma que eles reflitam e construam a sua identidade a partir do pensar a moda. Como Minney (2016, p. 408) defende:

A melhor maneira de mudar o sistema da moda é ir e conversar com as pessoas, porque é uma indústria que depende dessas pessoas. É tudo sobre as mãos por trás das roupas - o tingimento, o acabamento e o resto. Precisamos realmente ter esses relacionamentos, mesmo que eles não possam ser inseridos em uma planilha ou analisados por consultores bem pagos. Precisamos voltar ao básico.

3.6.A moda acessível e social

Desmistificando o modelo de consumo da moda, o sexto encontro traz ferramentas de customização de roupas e acessórios já existentes, com meios e técnicas da consultoria de moda sustentável já utilizada pela sua anfitriã. A moda sustentável é descrita por muitos, como a nova era da moda, que passamos da moda rápida (*Fast-Fashion*) para a moda circular (*Slow-Fashion*), mais lenta e menos agressiva ao meio ambiente. Carvalhal (2016) diz que o *slow fashion* está organizado junto a um processo modificador do mundo atual, em que a sequência de produção de um produto de moda pode trazer qualidade, criatividade, ética, e um menor impacto ao meio ambiente.

3.7.Narrativa política na moda

Utilizando a moda como manifesto de posicionamentos políticos e de consumo da moda, venho com um olhar mercadológico para esse sétimo encontro, com a crítica ao padrão eurocêntrico no mercado da moda e como esse é construído através dos padrões estabelecidos por essa indústria da “busca da estética perfeita” formada por corpos magros, branquitude e cabelos lisos. Assim, o sétimo encontro tem em sua premissa, o começo do manifesto, construindo cartazes/bandeiras com frases contra os padrões estéticos na moda e afirmando a favor da identidade e empoderamento. Carvalhal (2016, p. 265) esclarece que:

Empoderar é cuidar das mulheres. Física e mentalmente. Ajudar a curar. Celebrar quem elas são. Respeitar. Seus corpos, suas diferenças, suas causas, suas vontades e até suas fragilidades. Agora pense: quais marcas estão realmente fazendo isso? Como pode ter sentido para sua marca atuar nesse empoderamento? Caso as mulheres não sejam seu público final, tenho certeza de que muitas delas são responsáveis por sua marca acontecer. Pense nelas.

3.8.Desfile manifesto

O oitavo e último encontro será o encontro dos manifestos artísticos produzidos durante a oficina. A exposição do manifesto “moda é política” buscou ressaltar os múltiplos padrões de beleza na construção social. Ao levar essas pautas para um meio público, acreditamos no florescimento da emancipação dos indivíduo.

Utilizo como referência artística duas estilistas. A primeira, Zuzu Angel, brasileira e ativista política durante a Ditadura Militar, que se engajou em mostrar as mazelas sociais em suas roupas e desfiles. E, a segunda, Vivienne Westwood, que utilizou a moda como uma instrumento de crítica social. Ela foi uma estilista britânica que utilizou do discurso da moda *punk e new wave* modernas, buscando em suas criações materiais já existentes (plástico/papel) e na customização um manifesto da moda, indo contra a indústria da moda cruel. Segundo Garcia (2005, p. 100) “A moda é um instrumento poderoso de inserção humana no contexto cultural, ela é um instrumento de comunicação”.

O caminho a ser trilhado visou desenvolver a metodologia da estética no sistema educacional e, por meio da pesquisa-ação levar as possibilidades de transformação social, a moda manifesto como uma via emancipatória da juventude na sociedade contemporânea. Em outras palavras, se pensou na utilização da moda como uma das portas de entrada para a expressão artística de grupos sociais, de indivíduos, os trazendo para o centro das discussões contemporâneas.

A emancipação, neste contexto, inicia quando discutimos modos de vincular moda e política em meios sociais, contextualizando o cotidiano de adolescentes a partir de rodas de diálogo, proporcionando uma reflexão ao encontro de si mesmo e do reconhecimento das suas identidade em sua reestruturação nos grupos de pertencimento. Corroborando com este pensamento, num contexto da nova dominância da chamada formatação da moda, Lipovetsky (2011) descreve que ela não se remete a uma decadência do Ocidente, mas reflete uma nova dinâmica estabelecida entre seus ideais, um novo contexto de valores democráticos e uma nova percepção de futuro.

A ferramenta da moda política, é construída a partir do encontro de classes, refletidas em manifestações, organizações não governamentais, com o enredo da contracultura. Que traz em sua vertente a manifestação de grupos artísticos marginalizados socialmente. Aqui no Brasil tivemos a Tropicália que inspirou outros movimentos estéticos, como Rocha (2004) explica:

O tropicalismo, a descoberta antropofágica, foi uma revelação: provocou consciência, uma atitude diante da cultura colonial que não é uma rejeição à cultura ocidental como

era no início(...), aceitamos a ricezione integral, a ingestão dos métodos fundamentais de uma cultura completa e complexa mas também a transformação mediante os nostri succhi e através da utilização e elaboração da política correta. É a partir deste momento que nasce uma procura estética nova, e é um fato recente.

O movimento da tropicália (1967-1968) foi um dos mais relevantes movimentos de contracultura da América Latina, que misturava diferentes vertentes estéticas, das artes e da moda resultando numa mistura gloriosa entre muitas áreas que transitava entre as artes e a música. Nomes como Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso, que cantaram e resistiram durante os “anos de chumbo” – referência ao Golpe de 64 no Brasil - os hinos dos “Doces Bárbaros” formados por eles, narram a guerra e a censura vivida.

Podemos observar esses movimentos no nosso atual contexto social com dois exemplos: a “Casa da Baixa Costura” (coletivo de artistas Trans paraibanas) e o do documentário “Favela é moda”, audiovisual que retrata uma agência de modelos na periferia do Rio de Janeiro. Essas duas iniciativas ilustram a utilização da moda com forma de transformação social que envolve a descrição da distinção cultural ou social. Desse modo, podemos entender que a Moda anseia sinalizar algo e faz isso por meio das vestimentas como um código transmitido pelo corpo que, de acordo Daniela Calanca, em sua obra História Social da Moda “A roupa, portanto, pode ser definida como a forma do corpo revestido e, a partir dessa definição, a moda, por sua vez, pode ser definida como uma linguagem do corpo” (CALANCA, 2011, p. 19). O sociólogo inglês Anthony Giddens (2002) acrescenta, ainda, que: “A roupa é a identidade social não está hoje inteiramente dissociada, é a primeira continuação sendo um instrumento de sinalização do gênero, da posição de classe e do status ocupacional”.

Este trabalho, que iniciou por meio do projeto anteriormente descrito, pretende intensificar ainda mais o estudo da moda social, e compreender a moda como um processo político social de grupos que buscam a construção da paz, desconstruindo padronizações vindo do mercado da moda, no geral, com recortes discriminadores.

4. DISCUSSÃO TEÓRICA

As maneiras de manifestar a moda como ferramenta identitária na juventude, não se dá apenas pela construção da beleza corporal, mas também por um levantamento psicológico da personalidade, na proporção estética do belo e do feio. Caracterizado por Calanca (2008), a expressão moda é um feito social que está em constante mudança dos costumes e dos hábitos, das escolhas e das aptidões de uma pessoa e da coletividade. Hall (2006) também descreve as

mudanças estruturais nas sociedades, reconhecidas a partir da globalização, que define a sociedade a partir das transformações trazidas com ela.

A formação do eu no olhar do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. (HALL, 2006, p.38)

Movida pelo interesse na entrada da heterogeneidade de corpos e estéticas no mundo da moda, e para as fissuras que a quebra de hegemonia - que é visual, mas também simbólica e concreta - causam nesse circuito e nos espaços sociais, de forma geral. Com olhar atento para o aspecto de biopoder contido nesses movimentos de deslocamento de corpos para lugares não previstos para eles, na divisão colonial de lugares no mundo.

As mudanças que a criança passa até a sua vida adulta se conectam em uma fase chamada "adolescência", que por sua vez é bastante confusa e cheia de altos e baixos, que vai da transformação do corpo até a construção da sua personalidade por um meio de incentivos centrais da família e da escola, segundo Bourdieu (1984). Assim, o cenário desse conflito passa pela validação entre os campos das estruturas sociais, que vai da parte econômica, política e social em que os sujeitos se inserem. (BOURDIEU, 1989), essa identificação parte para a coletividade, buscando laços nos grupos onde o sujeito vai conviver. Como ressalta Belonni:

A socialização das crianças e jovens na cultura dos grupos sociais é um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência através das práticas e experiências vividas, não se limitando de modo algum a um simples treinamento realizado pela escola e outras instituições especializadas. Este processo, extremamente complexo e dinâmico, integra a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente e exige a participação ativa da criança (BELLONI, 1992, p.6).

A moda produz e reproduz conceitos e significados dentro de uma sociedade e com isso as inúmeras formas de demonstrar sentimentos, “sim, sentimentos” a moda pode e sabe refletir o sentido de uma pessoa ou de um grupo social, essa é a arte dos símbolos do vestir-se. A indumentária junto com o discurso alinhados aos valores morais, culturais e políticos dá sentido a uma época, e com isso constrói a linguagem da moda, as roupas, como pondera o autor Calanca, é “os objetos com os quais cobrimos o corpo são as formas pelas quais os corpos entram em relação entre si e com o mundo externo”. (CALANCA, 2011, p. 17).

Tendo o objetivo de trazer a cultura para a dinâmica da educação através de ferramentas artísticas, a pedagogia de Paulo Freire descreve que o educador é uma ferramenta humanista

que vem de uma linguagem da sensibilidade diante da realidade de opressão em que se encontra para trazer o sensível na observação de si mesmo em sua relação com a “fragilidade” dos demais. Assim, Paulo Freire enriquece aos poucos suas conclusões epistemológicas, classificando este ato como “criticamente dar sentido a velhas adivinhações” (FREIRE, 1987, p.5).

Havendo na educação e na cultura uma linha tênue sendo costurada para que o conhecimento seja resultado da investigação que brota desta relação, tendo um significado particular entre educandos e educadores no processo de construção de educação. Desse modo, “um ou outro que divide a era o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura, a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p.11). A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL,2006, p.13).

A variedade de recursos didáticos - pedagógicos existentes exige dos professores novas posturas, mais criativas e inovadoras a fim de proporcionar aos discentes um processo de ensino aprendizagem mais interessante, eficiente, significativo. (GUIMARÃES; ROSA, 2013,p. 1)

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Hall (2006, p.39) esclarece que “Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”.

5. IMPRESSÕES DA OFICINA MODA, IDENTIDADE E AUTOCUIDADO NA ESCOLA EMEIEF JOÃO MONTEIRO DA FRANCA

Acredito que todo o conhecimento criado e levando junto para a universidade precisa ser desenvolvido em caminhos conciliadores, tanto para o aluno que esteja no processo de amadurecimento dos seus conhecimentos, quanto para a energia que ele queira transmitir em seu caminho acadêmico, e por isso o conhecimento acadêmico precisa ultrapassar os muros da universidade, sendo a válvula de cura de si e de quem está recebendo. A ativação da compreensão é o poder que transforma a realidade de um local e de sua população, e por isso proporcionando o desenvolvimento social e além do mais auxiliando a busca de sua emancipação.

Antes de iniciar a oficina foram feitos alguns encontros com representantes das turmas do 05, 06, 07, 08 e 09 ano, e a secretaria da instituição da Escola EMEIEF João Monteiro da Franca, assim foram levantados os interessados para participarem da oficina que foram ministradas nas quartas feiras e sextas no contra turno dos participantes, das 14h às 16 horas, Construindo um ritmo junto com a dinâmica do colégio e com os discentes participantes, como forma que os discentes se adaptem aos horários e a metodologia e não se prejudicarem com as aulas do colégio e atividades curriculares, ficando assim a divisão dos meses de atividades:

Quadro 2 - Cronograma de atividades

Círculo de diálogo	Agosto /2022
Desenvolvimento da Oficina	Setembro /2022
Culminância - Desfile Manifesto	Outubro /2022

Fonte: Cronograma de atividades. Elaborado pela autora (2022)

No dia 24 de Agosto de 2022 iniciou-se o projeto Germinando Paz e Arte, iniciativa da ONG Palhaços sem Fronteiras Brasil – PSFB, com apoio do PUA - Projeto Universidade em Ação na Escola EMEIEF - João Monteiro da Franca na cidade de João Pessoa - PB. Existiam várias oficinas ocorrendo concomitantemente, entre elas, a de Moda, Identidade e Autocuidado. Assim começamos, como cita Clarice Lispector (1999): “Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”.

6. O RECONHECIMENTO

Quando esta pesquisa foi iniciada, uma ampla investigação no poder da expressão artística dos jovens da periferia entendendo a possibilidade de ressignificação de sua identidade em seu meio social, e que mesmo estando em constante conflito consigo mesmo e com as regras impostas pelo meio social onde estão inseridos, eles encontram meios de resistência pela utilização de suas vestimentas, e assim se comunicam nos meios onde transitam. A oficina buscou trazer uma opção de autonomia pelo afeto, a partir do olhar da Moda como Manifesto, como instrumento para construir caminhos acolhedores para a emancipação dos jovens cidadãos, fazendo com que eles se envolvam e se enxerguem como sujeitos.

A metodologia utilizada na oficina teve como objetivo apresentar uma nova perspectiva em relação ao ambiente em que eles estão inseridos na comunidade, de modo que eles possam se posicionar como únicos e pertencentes aos diferentes territórios e identidades que venham a surgir em suas vidas, além de apresentar uma perspectiva de reconstrução das crianças e do

jovem diante das adversidades do cotidiano. A palavra de ordem foi "protagonismo do jovem cidadão" que será norteador nesse primeiro tópico pós oficina, como descrito em Martin (2017):

Cidadania pode ser entendida como a participação dos indivíduos de uma comunidade em busca da igualdade em todos os campos da realidade humana, mediante a luta pela conquista e ampliação dos direitos civis, políticos e sociais, o que determina novos rumos para a vida da comunidade e para a própria participação. (MARTIN, 2007, p. 84)

A desconstrução da Moda que a oficina propôs fez com que essa ferramenta de comunicação fosse uma forma de aproximar a Moda Manifesto ao cotidiano dos jovens, contribuindo na construção da linguagem estética do jovem. A impressão dos jovens ao assunto foi de curiosidade e, ao mesmo tempo, de acolhimento, para entender mais sobre os temas abordados na oficina e de que modo eles estão inseridos nesse mundo e como podem intensificar essa expressão através de suas roupas.

Diante da visão desses jovens, intensificou-se a conexão com o universo da moda e passou-se a expressar a procura da identidade pessoal e social. Por esse motivo, esta oficina buscou compreender os impactos da moda na construção identitária dos adolescentes e sua repercussão, visto pelo entendimento da construção da identidade social entre jovens da periferia da cidade de João Pessoa - PB.

Figura 2 - Oficina "Moda, Identidade e Autocuidado" 1



A dialéctica do círculo de diálogo se deu no processo da construção mútua de novos aprendizados, ideias e dúvidas destacadas por mim e pelos discentes, que fizeram abrir os meios

de construção de abordagem da moda no cotidiano, de como o estilo que temos incentiva o nosso meio, nossos pensamentos sobre as vivências do cotidiano, e de como transformamos os ambientes onde estamos inseridos através da linguagem que passamos.

Conhecendo o ambiente, percebi a curiosidade sobre a temática, a desconstrução da palavra “MODA” foi o início para começarmos a desconstruir o padrão eurocêntrico já idealizado no nosso imaginário. O resgate dos símbolos deles e nossos ressignificou o tanto de potência que possuímos: cabelos, traços estéticos, vestimentas, gírias e contrastes sociais, fazendo com que a nossa moda seja a nossa identidade e vice-versa. Trazendo assim, a moda para a nossa realidade do dia a dia, dando campo ao nosso imaginário de vivências a construção do nosso sentir.

7. CONSTRUÇÃO

A moda é a representação de uma amostra social que conforme se apresenta, se refaz no cotidiano: é o exemplo da moda hip-hop, que se tornou a Moda Trap nos dias atuais, tema muito levantado nos nossos encontros pelos jovens. A Moda Trap busca os meios de ostentar o consumo de marcas caras e de alto padrão social. São essas linguagens de vestimenta que podem desenhar a persona do adolescente, oferecendo-se à identificação dentro de grupos, ligando a outros assuntos a fim de construir nos significados, ou fazer uso delas, já que as significações já estão dadas antes dos sujeitos.

Por muitas vezes achamos que a moda é apenas consumo material, mas esquecemos que a moda constrói a comunicação visual de uma pessoa, e que nessa comunicação é carregada por elementos simbólicas, como posicionamento no andar no comportamento, pensamos agimos em sociedade descreve muito a nossa moda, moda é comportamento e não tem quem que possa dizer o contrário, a moda acima de tudo é comportamento, ideologia e consciência do que que se é.

7.1. Relatos e caminhos

A identificação no decorrer da vida é construída a partir de muitas camadas, familiares, social e educacional, são esses os ambientes primários para essa construção, e nem sempre estão nessa ordem. Eu pude vivenciar essa divisão na prática, com jovens entre 12 e 16 anos, que nem sempre têm essa vivência familiar, fazendo com que essa linha não seja tão coesa nessa construção, e assim busca em seus grupos de identificação; conceitos estéticos, de linguagens e de ideias. Para garantir a privacidade dos participantes, os nomes serão trocados por nomes

fictícios e, desse jeito, seus depoimentos serão condutores para o andamento da discussão deste trabalho.

A construção do afeto entre seus amigos é nítida, e é no afeto que eles se salvam das turbulências dentro de casa, criando vínculos fortes com as pessoas, sentimento que vem de um lugar genuíno e inspirador. Ouvir um “Obrigada por ter vindo professora, aqui eu me sinto bem” ou “conto as horas para vir assistir suas aulas” é de um sentimento lindo, que consigo entender como cura, uma cura mútua.

O momento de identificar os meios para a construção de um lugar seguro para eles foi bem especial, pois aos poucos construímos um vínculo de segurança, que foi idealizada por meio do querer entender os seus medos, e dando atenção para eles. A Bruna (14) em seu painel semântico relatou que sentia medo de ficar sozinha com meninos, suas figuras construíram uma narrativa, mas neste momento entendi a sua fala de um dia antes da construção daquele painel, identificando o que se passa em sua vida, que podemos encontrar caminhos para a cura, a partir da arte.

Outra vez, a Mel (13) me relatou que não tinha um bom relacionamento com sua mãe e gostaria muito de usar aquelas roupas “coladas em seu painel semântico” e não ser julgada pela sua mãe, que descreve sua filha como “uma qualquer”, é, isso saiu da boca de uma menina de 14 anos, e que gostaria de ter mais liberdade em seu vínculo familiar mostrando quem ela é sem medo de ser julgada.

Conversando com ela, construímos meios de como descarregar isso, indiquei a escrita em um diário. ela mais uma vez relatou a situação abusiva que passava em casa, falando que a última vez que ela escreveu em seu caderno a sua mãe rasgou tudo e a bateu. Olhando para a colagem dela, começamos a falar sobre sentimentos, ela me relatou que se “sentiu feliz”, “útil” e “inspirada” e foi daí que dei a ideia para que ela faça painéis de figuras para extravasar seus sentimentos bons ou ruins, ela disse que começaria a praticar essa nova linguagem.

Bem no início dos encontros uma menina me perguntou “menina não pode usar roupas largas” outro me avisou “menino não usa saia e nem vestidos” outra me orientou “nada de combinar jeans com estampas” concluindo o pré-julgamento, me vi ainda mais na obrigação de cutucar essas falas, e trazer esse incômodo de uma forma mais leve para que eles olhassem de outra forma para esses pré-julgamentos. Comecei a incomodar, na outra semana da fala “meninas não podem usar roupas largas”, fui de roupas largas. Outro dia fui de jeans e estampas, e quanto mais ouvia eles declararem algum incômodo ou preconceito buscava trazer essa conversa por meio da minha vestimenta ou elementos construtivos: em livros, música e filmes.

Nessas imagens a seguir, levei alguns elementos de estilo e figurino: acessórios, toucas, boinas, colares, brincos, roupas estampadas, jeans, tricô e entre outras roupas que causem estranheza. Assim pude identificar o quanto eles estavam abertos a co-criarem o olhar para a moda, montamos combinações com aquelas peças, pude ver o interesse dos meninos na produção de estilo e em trazer acessórios para a sua vestimenta; é o exemplo do Lucas (14 anos) que me relatou: “Que sempre gostou de acessórios, só que tinha vergonha em usar. Mas que a partir daquele momento pode se sentir mais seguro em fazer as combinações e trazer para o seu cotidiano”.

Figura 3 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” II



Figura oficina 4 - “Moda, Identidade e Autocuidado” III



Em um segundo momento, fomos caminhando para as discussões sobre o assunto dado, os apresentei um livro chamado Dicionário de Moda (2015), que mostrava a eles novas possibilidades de silhuetas e construção estética.

As impressões, a menina que disse que “meninas não usam roupas largas” se assustou ao me ver com aquelas roupas, mas disse que vendo aquelas roupas em mim ficou até com vontade de usar também, e a outra que disse que não combinava gostou do *look*. Por muitas vezes não experimentamos utilizar uma roupa por medo do pré-julgamento dos outros, e esquecemos das nossas vontades e o do nosso próprio conforto. Ou também não damos ao nosso olhar estético essa possibilidade de olhar para o diferente e achar belo. Foi o que aconteceu na apresentação do livro, eles viram uma nova estética e começamos a buscar referências no nosso cotidiano e pudemos analisar que temos várias referências e nem as conhecemos: ao exemplo do Trap, funk, hip-hop. O processo é contínuo e raro como é. Identificar caminhos pelo afeto de seu contexto cotidiano, o afeto é denominado a partir de gestos não necessariamente positivos, atos artísticos e é construída a partir de histórias reais, contextos sociais do cotidiano.

6.2. Atividades auto afirmativas

Movimentam-se entre o convívio com amigos da escola, as tribos adolescentes, os colegas de profissão ou do trabalho, compartilhamentos de gosto musical, artístico, esportivo, assim constroem suas características estéticas. O adolescente vai criar laços com a sociedade em que vive pela semelhança com este ou aquele grupo. Suas relações sociais exercem influência fundamental na mente individual. São os grupos que o indivíduo participa que o localizam enquanto sujeito.

Figura 5 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado IV



Os meios criativos utilizados nesta seção buscaram elaborar meios iniciais de práticas afirmativas de afeto estético, utilizando o *Brainstorming* de nós mesmos, na construção de um painel semântico visual, mostrando imagens e frases por meio da colagem de figuras de revistas e jornais. Segundo Nicola e Paniz (2016, p.358), as ferramentas didáticas “agregam o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes, pois favorecem meios de motivá-los e envolvê-los ao conteúdo que está sendo discutido”. Boal (2006) também sublinha: “Arte não é adorno, Palavra não é absoluta, Som não é ruído, e as imagens falam”.

Construindo caminhos acolhedores para assuntos delicados, conseguimos construir lugares seguros de comunicar o que sentimos, fazendo com que nos identifiquemos e nos enxerguemos a partir dela. Os discentes juntos com os professores são peças fundamentais nesse conjunto de construção, para se comunicarem pelo caminho do afeto, e os discentes aprendem com os resultados das suas práticas, ou seja, são protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Segundo Freire (1980, p.69), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Figura 6 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” V



Os adolescentes, são propensos a passarem mais tempo nas redes sociais, e em sua grande maioria as meninas tendem a apresentar preocupações com o peso corporal por desejarem um corpo magro e pelo receio de rejeição, compondo um grupo mais vulnerável às influências socioculturais e da mídia. Mídia essa que influencia nas tendências da moda, da estética de padrões de corpo, transformando-se na única fonte de informação para essas

crianças, que se espelham em padrões eurocêntricos, fazendo com que elas exerçam ação importante sobre a insatisfação corporal.

Figura 7 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado”



Diante da dinâmica dos encontros, surgiram acréscimos a oficina, sendo um ponto observado diante da fala de alguns adolescentes, já que estávamos em uma turma miscigenada, construída por olhares diversos do que é o belo e o feio. Como descreve Foucault (1999), a desconstrução do observar o outro é por deveras demorada, mas não é impossível.

A ideia surgiu a partir das redes sociais, já que é uma linguagem do cotidiano da juventude, e por tantas vezes que eles passam "logados" começam a criar um olhar, por maldizer, sintéticos do que é real de beleza e do que não é. A estética perfeita; cabelo, corpo e estilo de vida "impecável" atrás de uma tela, resume em adolescentes ansiosos, inseguros e com um olhar cruel do que é realmente importante na vida, que seria a identificação com a sua própria beleza e a promoção dela, o seu autocuidado, construídas pelos relatos das crianças, o depoimento "ruim" sobre o estilo ou comportamento, a dinâmica busca trazer os gestos que só tomamos nas redes sociais, trazendo o ato de "dar like" para a vida real e para as pessoas do nosso convívio escolar ou em meios sociais. Buscando aproximar esse ato que fazemos diariamente atrás de uma tela e nos comparando a uma beleza ilusória, de filtros e alterações de imagens, fazendo com inconscientemente nos comparamos aos outros.

Quadro 2 - Dinâmica “o like diário”

<p>ATIVIDADE: O like diário é com a gente mesmo e com quem está do nosso lado "ao vivo e de todas as cores"</p>	
<p>AÇÃO: Duas ou mais pessoas descrevem o que enxergam de mais lindo no outro, e vice-versa descrevendo em palavras e ações (abraço, toques). Estando um em frente do outro, de pé.</p>	
<p>IDEIA: É deixarmos de só admirar um "belo" que é inivável, o que está atrás de uma tela de uma beleza inalcançável, pelas redes sociais, influenciadores, propagandas etc., geralmente, belezas eurocêntricas.</p>	<p>CONSTRUÇÃO: Entender o outro como potência estética é entender o nosso afeto, ainda mais quando nos inspiramos com o nosso amigo do colégio, com as pessoas do nosso convívio diário. assim construímos também a nossa potência, desenhamos a nossa percepção de belo ao "horizontalizar" o nosso entendimento de que o belo está além dos padrões de beleza, está nas atitudes que o outro tem. Isso é um bom exercício para enxergarmos a nós mesmos e perceber que sim, somos potências.</p>
<p>REAÇÕES DOS DISCENTES: O autocuidado com o outro nos leva ao nosso cuidado mais íntimo, quando falamos o que sentimos para os outros sobre sua fisionomia ou personalidade, fazemos com que o nosso colega se enxergue como tal, e assim construímos pontes sensíveis um com o outro e consigo mesmo.</p>	<p>IMPRESSÃO METODOLÓGICA: A atividade buscou trazer uma nova concepção para a visão dos jovens, fazendo com que eles admirarem o belo que está no seu dia a dia. Cores, texturas de cabelos, alturas, corpos e personalidades, o autocuidado com os seus semelhantes faz com que nos faça pertencentes de todos os lugares.</p>

Elaborado pela autora (2022)

Figura 8 - Oficina "Moda, Identidade e Autocuidado" VII



Todos sabemos alguma coisa, foi inerente a importância dessa construção didática, mesmo precisando de alguns ajustes, essa interação foi necessária. Utilizando das experiências de vida, das leituras de mundos diferentes dos educandos na construção de seu pensamento educacional em diferentes áreas. Na construção de suas identificações sociais, na dinâmica da vida e dentro dos grupos sociais.

Figura 9 – Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” VIII



Figura 10 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” IX



A utilização de atividades manuais, como a customização de roupas feitas pelas alunas nas imagens acima demonstra as possibilidades de se fazer moda com objetos que já temos em casa: retalhos de tecido, miçangas, fitas de cetim etc. Algumas técnicas básicas foram passadas, como a marcação com fita crepe, que delimita onde você vai pintar, possibilitando a construção de imagens a partir da delimitação das fitas, ou colar as miçangas na peça.

A atividade foi considerada prazerosa para os participantes, passando mais confiança criativa e dinamizando os processos na prática através do acerto e do erro. Eles customizaram um colete jeans em grupo, assim pude perceber que cada lugar do colete teve a identidade de cada um participante, e que as críticas que eles faziam antes não eram nenhum problema naquela situação, nem sobre o seu trabalho e nem com o trabalho do outro, a mudança do olhar estético foi criada e permanecia naquele ambiente. Logo abaixo vocês poderão ver o processo da customização e a sua finalidade:

Figura 11 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” X



Figura 12 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado XI



Figura 13 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” XII



Figura 14 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” XIII



O diálogo freireano é um ato de criação, uma urgência de nosso tempo que nos convida a encontrar o prazer e a beleza de pensar em voz alta com os companheiros de trabalho e de vida. Percebo que a criação da autoimagem dos jovens da periferia é construída a partir de um enredo de afirmação, que utilizam de linguagens decoloniais para a sua percepção de mundo, valorizando seus símbolos estéticos, suas músicas e acontecimentos do seu cotidiano.

8. O DESFILE POLÍTICO

Em um país marcado pela diversidade e pela exclusão, enquanto a moda se restringe a um pequeno grupo, ela estará longe de expressar toda a riqueza de nossa cultura e dos nossos grupos sociais marginalizados. Por isso, “empoderar” e “transformar” foram condutores para a

construção do projeto “Moda, Identidade e Autocuidado” busca na educação transformar a realidade dos jovens, trazendo um novo olhar para o cotidiano e suas ações, sabendo que cada um faz parte de um todo, mas cada um tem sua peculiaridade, a educação pelo afeto trazida nesta oficina busca uma nova releitura de vida para os jovens da periferia.

A educação é historicamente localizada – ela acontece contra um pano de fundo sócio-histórico e projeta uma visão do tipo de futuro que nós esperamos construir –, uma atividade social – com consequências sociais, não apenas de desenvolvimento individual, intrinsecamente política – afetando as escolhas de vida daqueles envolvidos no processo – e, finalmente, problemática – “seu propósito, a situação social que ele modela ou sugere, o caminho que cria ou determina relações entre os participantes, o tipo na qual ele trabalha e o tipo de conhecimento para o qual ele dá forma” (DINIZ-PEREIRA, 2014)

A oficina é um jeito de identificar o poder do vestir como forma de se conhecer melhor, vai em uma linha de raciocínio tanto para o bem quanto para o mal: padrões, estética e cobranças andam lado a lado, digo porque nessa idade entre (14 e 18 anos) me cobrava muito para entrar em um padrão que não me cabia e só me delimita, causando transtornos alimentares e de imagem, fazendo com que me enxergasse sempre como o patinho feio e assim não estava nunca satisfeita com o que via no espelho.

O tormento de se encontrar frente a frente é o medo de ver o que não se quer. Por isso a importância de estratégias positivas para esse encontro, fortalecer o terreno antes desse novo olhar para dentro, o autoconhecimento foi o fundamento da oficina, que trouxe a arte como discurso, sendo um escape e a solução de algumas tormentas vivenciadas. Meios de se sentirem pertencentes e confortáveis com suas histórias e raízes. Se nós observarmos a nossa imagem no mundo, tal como ela se oferece, presenciamos questões acerca das nossas formas estéticas, que persistem ao longo de um tempo, e assim encontram -se em movimento contínuo. Simmel (1991) aponta que:

(...) Por conseguinte a própria realidade está aqui em fluxo infatigável, e enquanto nós, em virtude de uma por assim dizer falta de acuidade visual, não somos capazes de constatar esse fluxo, as formas e constelações dos movimentos se consolidam no fenômeno de um objeto duradouro (SIMMEL, 1991, p. 711-712).

Foram coletados depoimentos das vivências e reflexões sobre as mudanças que a Oficina proporcionou em sua vida. Discentes que tinham alguma barreira a respeito da sua estética, ou por falta de identificação e de referências culturais sobre a sua construção, podem encontrar nos encontros um lugar seguro para conversar ou entre os colegas ou individual comigo.

É o caso de alguns adolescentes que entendiam a sua sexualidade e tinham restrições de falar o que sentiam, e com as dinâmicas e conversas poderão construir meios de autoaceitação a partir dos seus sentimentos, os munindo de autocuidado e amor-próprio. Uma situação que aquece meu coração, e me faz enxergar um futuro mais cuidadoso para esses adolescentes.

Figura 15 – Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” IVX



Figura 16 – Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” XV



Foram desenvolvidos cartazes como forma de extensão de seus sentimentos, como prática de comunicar o que estavam sentindo naquele momento, imagens, figuras e frases foram

construindo um lindo sentimento, o pertencimento vindo dessa criação. Sem a presença desses jovens, jamais sairia um trabalho tão afetuoso e rico, com tantas histórias para contar que foram de conflitos a construção de ferramentas de cura, do diálogo ativo ao ouvir sem filtros, foi a dinâmica inicial e a que se fez presente no processo completo. Os jovens da Escola João Monteiro da Franca -PB colaborarão para que ocorresse tudo perfeitamente, tendo muita responsabilidade nos horários marcados e na dinâmica da oficina, criando um vínculo de respeito pelo processo de criação ali presentes.

Figura 17 - Oficina “Moda, Identidade e Autocuidado” XVI



A despedida foi uma reflexão de tudo que aconteceu na oficina através de um desfile, como forma de levantar as nossas bandeiras do que somos. Acredito que foi uma forma de finalizar algo que está apenas começando, o autocuidado das nossas vontades identitárias. A gentileza foi ter transformado a oficina em um lugar seguro para as crianças, recebendo seus relatos, confissões e dando a liberdade de serem o que são.

Figura: “Moda, Identidade e Autocuidado” - EMEIEF (2022)



Quando percebemos o tempo que perdemos e o quanto vivíamos conforme a aprovação do outro, o que perdemos enquanto não nos conhecemos o que é real, o que faz sentido. Sabe quando o paladar volta e começamos a sentir o sabor da comida, do desejo pela vida pelas palavras que saem da nossa boca, das imagens que vem no nosso subconsciente e se projetam na nossa frente e é incrível acreditar que podemos ser o que a gente sempre quis ser, com a nossa consciência de estar presente em tudo, moda não é só vestimenta e sim está presente, em seus símbolos e contextos sociais, é ser único e se sentir completo. é a identidade que carregamos.

9. RESULTADOS

Está pesquisa permitiu o esclarecimento do processo de desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso e a vivência que me propus fez com que os diários de bordo fossem preenchidos por meio de muitas expressões afetuosas e ao mesmo tempo com muito êxtase, experimentando aquelas histórias para compreender a maneira como cada adolescente se expressa, revelando um mundo novo para quem está imerso no estudo de campo, por muitas vezes os sentimentos eram turvos, pois me via na pele de alguns, e mesmo destroçada com os relatos e vivências me doava ao ouvir, assim eram os conteúdos relatados nos diários durante esses 8 encontros.

Estas análises demonstraram ainda mais a profundidade da discussão, que vai além do discurso acadêmico e passa para a reflexão do sensível, do que criamos logo após as vivências, sobre a prática nos escritos dos diários de bordo, reflexão crítica durante esse processo. Anseio que esta pesquisa contribua para a discussão das relações entre moda e identidades marginalizadas entre a reflexão da construção de etnografias de vivências e traga subsídios para a ideia do protagonismo coletivo na construção de saberes. Roberto da Mata (1978) expõe:

É vivenciando esta fase [da inserção no campo] que me dou conta (e não sem susto) que estou entre dois fogos: a minha cultura e uma outra, o meu mundo e um outro. De fato, tendo me preparado e me colocado como tradutor de um outro sistema para a minha própria linguagem, eis que tenho que iniciar minha tarefa. E então verifico, intimamente satisfeito, que o meu ofício - voltado para o estudo dos homens - é análogo à própria caminhada das sociedades humanas.

Adaptando algumas passagens da oficina, como o caso da “linguagem” da abordagem sobre termos técnicos do mercado da moda, e com isso os aproximando por meio de expressão dos participantes. Uma segunda perspectiva de formação são os modelos de racionalidade prática em que esta é o ponto de partida por meio do qual o professor analisa e interpreta suas atividades e elabora teorias (PÉREZ GÓMEZ, 1995).

Sendo positivos os processos criativos, usamos colagem, customização, técnicas de empreendedorismo, consultoria de imagem, a adaptação do olhar para a moda. Sendo construída uma nova abordagem "dinâmica do like" a partir dos relatos dos adolescentes, que foi condutor primordial para identificar o padrão estéticos deles.

A criação do lugar seguro, a partir do ouvir foi sendo primordial para a finalização positiva desse ciclo de indução no campo da moda e identidade como promotoras do autocuidado. A educação e o conhecimento de ensinar o outro a partir das nossas experiências foi, por isso, o diálogo é fundamental no processo educacional. Freire (1970, 1977, 1979, 1996), nessa parte da oficina nos propusemos a compreender os conceitos da prática, levando a reflexão crítica e assim permitiram uma proximidade com nosso objeto de pesquisa, fazendo a comunicação entre os sujeitos e os novos olhares do sentir uns aos outros. Nesse momento me enxerguei como uma peça no meio dessa ferramenta de paz, e desse modo, aprendi com eles que mesmo com as adversidades da vida precisamos ter pessoas ao nosso lado, e assim podemos ser úteis no coletivo.

A nossa provocação continua sendo o de romper com propostas eurocêntricas na estética, trazendo à luz elementos identitários decoloniais vindo da periferia, condutor do desenvolvimento de classes, emancipando culturas e vivências de grupos sociais a margem da sociedade baseadas no modelo dos estudo de segurança internacional com técnicas artísticas, para que os jovens continuem sonhando com a possibilidade de iniciativas que se inspirem nos modelos da estética crítica visando a transformação da sociedade e a luta incessante da juventude por justiça social.

10. CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento do presente texto, foi apresentado o processo da aplicação do projeto "Moda, Identidade e Autocuidado" em sua primeira aplicação em uma Escola na periferia da cidade de João Pessoa-PB, diante do seu desenvolvimento foram apresentados reflexões etnográficas da vivência construída a partir da participação ativa dos adolescentes, que surge do diálogo a ação, enredo de encontros sentimentos e libertação.

O que procurei fazer neste trabalho de conclusão de curso, foi abrir caminhos de estudos da Moda nas relações internacionais, tendo um alicerce forte com a criação de identidades de grupos marginalizados, a luz metodológica da virada estética e das ciências sociais como forma de fazer o intercâmbio entre as pesquisas, bebendo de autores como Mignolo, Augusto Boal, Foucault, Simmel e Paulo Freire entre outros, podemos analisar as relações sociais e políticas dentro da comunidade.

Uma pesquisa construída com total apoio do Projeto Universidade em Ação - PUA da trazendo segurança internacional com linguagens da moda social, em busca de tratados emancipatórios E deste modo a etnografia levantada na Escola EMEIEF João Monteiro da Franca é importante para entender o funcionamento do planejamento estratégico da oficina, e como ela se adere aos participantes, construindo uma ligação direta com as vivências dos adolescentes junto com a metodologia, o conhecimento adquirido sendo ao final uma construção mútua do que foi concebido.

A oficina foi um condutor auto afirmativo de protagonismo que fez com que os jovens fossem afetados pela dinâmica de expandir suas habilidades identitárias, ferramenta proposta e como isso os leva a emancipação. Como pesquisadora, minha construção de relatos foi realizada por meio de “diários de bordos”, sem filtro do que estava acontecendo e surgindo daquela vivência. Trazendo os participantes para o dentro da sala de aula e até mesmo se comunicarem através da estética que a moda traz em suas ramificações utilizando o que foi dado para a sua vida.

REFERÊNCIAS

ANGUS, Emily; BAUDIS, Macushla; WOODCOCK, Philippa. **Dicionário de moda**. São Paulo: Publifolha, 2015.

BARNARD, M. (2003). **Moda e comunicação**. Rocco.

BELLONI, M. L. **O papel da televisão no processo de socialização**. Série Sociologia, Brasília, n. 89, jul. 1992

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas –7 ed**, Rio de Janeiro RJ. Civilização Brasileira, 2005.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, pp. 1-256.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-163.

CALANCA, D. ABROSIO, R. **História social da moda**. Senac, 2008.

CANALCURTA. Entrevista - filme "Favela é Moda" (Sessões Especiais). YouTube, 20 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTiPi7XvUE>. Acesso em: 17 de junho de 2021

CARVALHALA. **Moda com propósito: manifesto pela grande virada**. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2006.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os Sentidos Da Moda**. Annablume, 2006.

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional Revista de Psicanálise**, 181(3), 2005, 16-24.

CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Editora Senac São Paulo, 2006.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. **Perspectivas em Diálogo: Revista de educação e sociedade**, v. 1, n. 1, p. 34-42, 2014.

ERIKSON, E. H. CABRAL, Á. **Identidade: juventude e crise**, 1976.

FERRY, L. PEREIRA, M. S. PITA, Antonio Pedro. **Homo aestheticus**: a invenção do gosto na era democrática, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. **Moda é Comunicação**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

GUIMARÃES, R. C. ROSA, O. **Recursos didático-pedagógicos no ensino de cartografia**: propostas para o 6º ano do ensino fundamental. Vedepe, Campus Samambaia UFRG, Goiania, 2013 .

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografías del deseo. Madrid: Traficantes de sueños, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEDERACH, J. P.. **Preparing for peace: Conflict transformation across cultures**. Syracuse University Press, 1996.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Editora Companhia das Letras, 2009.

MALCOLM, B. **Moda e comunicação**. Tradução: Lucia Olinto. Título original: Fashion as Communication. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

MARTIN, M. F. Cidadania. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. CARNICEL, A. (Org.). **Palavras Chaves em educação não formal**. Holambra: Editora Setembro; Campinas: Unicamp/CMU, 2007. p. 83-84.

MIGNOLO, W. D. Colonial and postcolonial discourse: cultural critique or academic colonialism? **Latin American Research Review**, 28(3), 120-134, 1993.

MIGNOLO, W. D. Aesthesis decolonial. **CALLE 14: revista de investigación en el campo del arte**, 4(4), 10-25, 2010.

MINNEY, S. Slow Fashion: **Aesthetics meets Ethics**. New Internationalist, 2016. E-book

MIRANDA, A. P. **Consumo de moda: a relação pessoa-objeto**. Editora estação das letras e cores, 2019.

NICOLA, J. A. PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de ciências e biologia. Infor, Inov. Form., **Rev. NEaD-Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.355-381, 2016.

PEIRCE Charles Sanders. A fixação da crença. **Popular Science Monthly**, v. 12, p. 1-15, 1877.

ROCHA, Glauber. **Revolução do cinema novo**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ROUPA LIVRE. **Instagram**. Roupas Livres. Disponível em: <http://www.roupalivre.com.br/>. Acesso em: 05 junho. 2021.

SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTOS, M. Notas Sobre Moda, Exclusão Social e Educação. **Achiote.com-Revista Eletrônica de Moda**, 2(1), 2014.

SIMMEL, G. The sociology of conflict. I. **American journal of sociology**, 9(4), 490-525, 1904.

SHOHAT, E. STAM, R. Narrativizing visual culture: Towards a polycentric aesthetics. **The visual culture reader**, 2, 37-59, 1998

VÁZQUEZ, A. S. Ideas estéticas en los manuscritos económico-filosóficos de Marx. **Revista de filosofía DIÁNOIA**, 7(7), 236-258, 1961.

WEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

